



# II SIMPÓSIO PROCESSOS CIVILIZADORES NA PANAMAZÔNIA

Figuração, interculturalidade e  
relação de poder

9 a 11 de junho de 2021  
Manaus-AM-Brasil

ISBN: 978-65-89908-54-8

## OS BRINCANTES CARNAVALESÇOS E O PROCESSO CIVILIZADOR

II Simpósio Processos Civilizadores na PanAmazônia, 2ª edição, de 09/06/2021 a 11/06/2021  
ISBN dos Anais: 978-65-89908-54-8

**PEDROSA; TULANE SILVA DE SOUZA <sup>1</sup>, CRUZ; Jevison Cesário Santa <sup>2</sup>, DORNELAS;  
Marcus Aurélio Dornelas <sup>3</sup>**

### RESUMO

Este estudo tem por objetivo compreender os processos civilizacionais contidos numa dada figuração da Região Metropolitana do Recife. Trata-se do bairro da Bomba do Hemetério, local que possui cerca de oito mil habitantes e 87 grupos culturais divididos entre agremiações e artistas individuais, os quais distribuem-se entre: reisado, caboclinhos, ursos, maracatus, orquestras de frevo, troças carnavalescas, escola de samba, dentre outros (SANTA CRUZ, 2020).

A localidade se destaca pela diversidade cultural e pela quantidade de entidades carnavalescas, as quais, para além da alegria contagiante geram ainda, renda para os profissionais do Carnaval. São animadores culturais, artistas, educadores sociais, músicos, dançarinos, costureiras, figurinistas, coreógrafos, comerciantes, enfim, uma série de trabalhadores inseridos no contexto carnavalesco. Entendemos que a profissionalização é um processo importante da civilização do lazer e para a racionalização, no entanto, não trataremos por hora desta linha de raciocínio. Seguiremos na compreensão dos processos civilizacionais nos brincantes de carnaval, sejam eles profissionais na área ou participantes ativos da mesma.

Percebemos que neste caso, as instituições carnavalescas produzem também ambientes educativos não formais, que acabam por formar sujeitos aptos a lidarem com esta condição de modo natural, ou seja, o processo civilizador desta figuração gera uma relação de interdependência nos sujeitos a ponto que o estilo de vida incutido corresponde às necessidades figuracionais.

Sendo assim as atividades culturais, não se limitam ao momento de festejos como muitos podem pensar, mas, transpassa para atividades relacionadas à função social dos sujeitos, seus costumes e *habitus* que os atravessam nesta figuração. O que evidencia as características dos conceitos de civilização e cultura apontados em Elias (1994).

Ao apontar as distinções destes conceitos supracitados para os franceses, alemães e ingleses, Elias (1994) nos faz crer que os costumes e a forma com que cada figuração se insere no processo civilizador interfere na formação de identidades individuais e coletivas. E trazendo para a realidade da Bomba do Hemetério, entendemos que os *habitus* gerados pelos grupos carnavalescos tornam esta figuração bastante peculiar.

Para verificar esta hipótese realizamos entrevistas com lideranças de agremiações e desta forma pudemos aferir se de fato o carnaval promove nesta comunidade uma série de atitudes que giram em torno da culminância de costumes que arrolam durante o ano inteiro.

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pernambuco, tulane.souza@ufpe.br

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pernambuco, jevison\_maestro@hotmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal de Pernambuco, marcos.adsilva@ufpe.br

Elias (1994) escreve sobre o processo civilizador mostrando os pontos de vista sobre a sociogênese do conceito de civilização e cultura nas relações sociais entre franceses, ingleses e alemães. Buscando compreender nosso objeto por este prisma, é evidente concordar que a concepção eliasiana de civilização para franceses e ingleses circulava pelo campo dos "fatos políticos ou econômicos, religiosos ou técnicos, morais ou sociais", (IBIDEM, p. 24), enquanto que para os alemães, a concepção apontava para "fatos intelectuais, artísticos e religiosos" (IBIDEM, p. 24).

Fato é que, no Brasil, o Carnaval surge tanto por uma perspectiva político-cultural, ao ser considerada uma festa democrática e de resistência, sobretudo por ter em sua concepção nacional as manifestações afro-brasileiras, quanto por uma perspectiva intelectual, religiosa e artística, pois, provocou nas igrejas, nas massas e nas elites um arranjo civilizacional capaz de reunir nesta época, indivíduos de diferentes credos, raças e classes, com o objetivo de se transformarem em quem não são em suas vidas cotidianas.

Assim como para os alemães o importante era a cosmovisão que a cultura poderia proporcionar, como: "obras de arte, livros, sistema religiosos ou filosóficos, nos quais se expressa a individualidade de um povo" (IBIDEM, p. 25), neste dualismo com o aclamado entendimento de civilização, "o que se manifesta nesse conceito de *Kultur*, na antítese entre profundidade e superficialidade, e em muitos conceitos correlatos é, acima de tudo, a autoimagem do estrato intelectual de classe média" (IBIDEM, p. 43). De acordo com Elias (1994) os atores sociais da classe média foram os responsáveis, no cenário alemão, a difundirem o conceito de cultura, uma vez que sua aristocracia encontrava-se arraigada aos padrões comportamentais de etiquetas difundidos pela corte francesa de Luis XIV.

Repara-se que Elias (1994), explica as diferentes maneiras de compreensão dos termos cultura e civilização para estas diferentes nações. Enfatizando a importância dos processos históricos que contribuíram para a formação de tais conceitos, o raciocínio do autor, articula que as palavras modeladoras de conceitos conhecidos na contemporaneidade, têm seus significados oriundos dos diferentes contextos históricos e sociais nos quais foram produzidas e reproduzidas. Sobre isso, comenta que:

Conceitos como esses dois têm algo do caráter de palavras que ocasionalmente surgem em algum lugar mais estreito, tais como família, seita, classe escolar ou associação, e que dizem muito para o iniciado e pouquíssimo para o estranho. Assumem forma na base de experiências comuns. Crescem e mudam com o grupo do qual são expressão. Situação e história do grupo refletem-se nelas (ELIAS, 1994, p. 26).

Logo, o ato de significação das palavras estaria necessariamente vinculado ao contexto no qual é utilizado, e nesse sentido, as palavras apareceriam vinculadas ao processo histórico formativo de cada nação. Sublinha que cultura e civilização foram utilizadas na história por uma necessidade coletiva, uma vez que as expressões "tornaram-se palavras da moda, conceitos de emprego comum no linguajar diário de uma dada sociedade" (IBIDEM). Nessa perspectiva as palavras são passadas por gerações num certo estado de inconsciência ao ponto de tornarem-se cristalizadas, podendo em determinado momento serem enfraquecidas ou até mortas dependendo da mudança do contexto em que estão inseridas. Entretanto, para Elias, foi a repetição do dizer que valorizou a estética e moldou comportamentos na Europa até o século XVIII.

### **Carnaval, coerções e controle das emoções**

Há vários momentos da obra de Norbert Elias no qual se destaca a discussão em torno do controle das emoções. Aqui, por opção metodológica e de adequação ao escopo do trabalho nos deteremos sobre as obras Sociedade de Corte (2001) e A busca por excitação. (1992) Ao debater a interdependência entre o rei e a nobreza francesa, Elias evidencia uma questão social

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pernambuco, tulane.souza@ufpe.br

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pernambuco, jevison\_maestro@hotmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal de Pernambuco, marcos.adsilva@ufpe.br

aparentemente universal: as relações de dependência que formam as configurações sociais nas quais os indivíduos estão imersos.(Elias, 2001)

Naquele caso da corte, as redes de interdependência mantiveram a configuração particular cortesã por várias gerações e constituíram-se em um espelho para outras cortes na Europa e nas suas colônias em outros continentes. Desta maneira, o controle das emoções operacionalizado pelos cortesãos, seus subalternos e seu superior, na pessoa do rei, ganhou o mundo e gerou formas assemelhadas e particulares de inter-relação e interdependência baseada, como as suas, no controle das emoções.

A própria análise do processo civilizacional se operacionaliza pelo desvelamento das tensões resultantes das coerções entre atores e grupos sociais. No que se refere ao processo civilizacional da sociedade de corte, Elias demonstra que o adensamento da interdependência aprofunda a auto coerção, ou seja, as coerções externas, principalmente as baseadas na violência física são transmutadas em coerções internas.

Elias nos lembra que há ao menos três meios fundamentais de controle social. O primeiro deles diz respeito as relações entre os humanos e a natureza, por meio do qual há uma constante busca de controle dos fatores extra-humanos que interferem em nas sociedades humanas. O segundo meio de controle se refere ao controle de indivíduos sobre outros indivíduos, são as coerções externas. O terceiro meio de controle, é o controle internalizado, por meio do qual os indivíduos praticam a auto coerção. Elias, durante a obra chama as coerções externas de coerções dominadoras e as coerções internas de coerções civilizadoras.(Elias, 2001)

Estas ultimas tem sido bastante reforçadas com o advento da modernidade e suas ferramentas de controle cada vez mais sofisticadas, elas são importantes para a manutenção de posições sociais estabelecidas e para conferir sentido a pontos de vista e comportamentos sociais.

Na medida em que o autocontrole, ou se assim quisermos colocar, o avanço do processo civilizacional chega as mais diversas esferas sociais, os espaços e formas de lazer e diversão são também atingidos.

As formas de autocontrole tornam as relações sociais mais previsíveis e controladas, diminuindo as chances de comportamentos, para dizer de uma forma simples, excepcionais ou desproporcionais. Entretanto, há momentos em que a principio isso é permitido ou até mesmo estimulado, um deles, talvez o mais categórico é exatamente o carnaval. Festividade que tem um caráter excepcional no Brasil, que no dizer de DaMatta é um ponto crucial da reflexão sociológica em torno dos ritos que dramatizam valores, ideologias e relações de uma sociedade (pag. 41, 1997)

Ainda seguindo DaMatta e buscando aproximar com Elias, estamos acostumados ao autocontrole em torno das situações rotineiras “ eventos que fazem parte da rotina do cotidiano chamado no Brasil de ‘dia-a-dia’ ” (DaMatta, pag.47, 1997). Já os momentos dos ritos, que escapam a rotina, estranhamos o desvelamento dos mecanismos de coerções civilizadoras. Mas, elas estão presentes de maneira cada vez mais evidente em nossa sociedade. Conforme Elias,

...nas sociedades industriais mais avançadas são menos frequentes as situações criticas serias que originam comportamentos de excitação nos indivíduos. Outro aspecto do mesmo desenvolvimento é a progressiva capacidade das pessoas para agirem dessa maneira, em publico. Nesta linha, segundo essas contradições aumentou o controlo social e o autodomínio da excitação exagerada.”(pag.101, 1992)

Como veremos no momento da análise das entrevistas, os brincantes estão bastante imbuídos desse espírito de autocontrole e mesmo entre eles exercem um controle externo na busca de alcançar a vitória nas competições carnavalescas.

### **O carnaval e o processo civilizador na Bomba do Hemetério**

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pernambuco, tulane.souza@ufpe.br

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pernambuco, jevison\_maestro@hotmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal de Pernambuco, marcos.adsilva@ufpe.br

A figuração é uma rede, ou teia de interdependências que conecta os sujeitos através de uma coerção interna e externa que avalia, determina e impõe um comportamento aos membros dela mesma, por outro lado, os indivíduos promovem em si um autocontrole para continuarem sendo parte dessa figuração.

A figuração proposta neste artigo assim como qualquer rede de interdependência possui coerções e autocoerções que variam de acordo com sua expressão cultural, ou seja, a escola de samba detém regras diferentes do maracatu, que também não são as mesmas da orquestra de frevo e assim por diante, no entanto, todas essas expressões culturais são consideradas parte da cultura popular brasileira, algumas delas com caráter mais regionalista.

Numa digressão social a manifestação das culturas populares a exemplo do carnaval, era vista como "uma época de desordem institucionalizada, um conjunto de rituais de inversão [...] época de loucura em que reinava a folia. As regras das culturas eram suspensas" (BURKE, 2010, p. 327).

Nesse contexto de desvios comportamentais em que o *id* como instância psíquica humana responsável pelas pulsões/emoções encontra-se livre dos princípios sociais normativos (BURKE, 2010), de que forma os participantes controlam suas pulsões a ponto de cumprir regras e evitar possíveis erros no momento da brincadeira e ou apresentação cultural?

Diante dessa problemática procurou-se compreender os processos de controle das emoções dos brincantes no momento da apresentação cultural. Para tal, três categorias de análise foram utilizadas, a saber: a espontaneidade, o erro e o descumprimento de regras estabelecidas para o desfile. Como dito anteriormente, o campo de pesquisa foi um bairro da zona norte da cidade do Recife no estado de Pernambuco, conhecido pela sua multiculturalidade, ancestralidade e, portanto variados saberes populares - a Bomba do Hemetério, uma comunidade formada no início do século XX, como resultado da política desenvolvida pelo estado novo na busca pela modernização do país e consequentemente a retirada dos mocambos do centro da cidade do Recife (SANTA CRUZ, 2020).

Por conseguinte, diante desse processo de higienização a população desassistida passou a migrar para os morros da zona norte da cidade e lá continuaram a desenvolver suas brincadeiras populares. Diante de uma expressiva representação da cultura popular, procurou-se delimitar a pesquisa a entrevistas de representantes de três espaços culturais: Urso Cangaça de Água Fria, Reisado Imperial, Orquestra Imperial e a escola de samba Gigante do Samba.

As entrevistas foram realizadas de maneira não estruturadas, uma vez que segundo Marconi e Lakatos (2003, p. 197), "as perguntas são abertas e podem ser respondidas dentro de uma conversa informal", assim, procurou-se conhecer por meio da fala dos mestres populares a descrição sobre momentos específicos das apresentações, de modo que as categorias supracitadas fossem identificadas em suas formações discursivas. Portanto, como questões norteadoras buscou-se saber: Para um desfile de agremiação carnavalesca, existem regras? Quais? Quais as emoções que precisam ser controladas no momento da apresentação a fim de que não se tenha prejuízo com pontuações?

Observa-se no recorte que segue a presença da categoria espontaneidade, quando o artista no momento de sua apresentação utiliza-se de alguns "palavrões" como forma de entretenimento do público, contudo, é tolhido pelo mestre do brinquedo, uma vez que tal comportamento por mais que não possa vir a retirar pontos da agremiação, porém, contribui negativamente no que se diz respeito a questões de aceitação do público, uma vez que este pode ser composto de pessoas com um pensamento ideológico conservador.

Eu acho que o cara não pode sair da regra né, mas se ele fazer uma coisa que faça graça tudo, alegrar o povo, porque a gente depende do povo né, a gente sem o povo não é nada (risos), eu tenho um que ele participa aí fica dizendo aquelas lorotas, ele diz palavrão, mas eu digo a ele, olha para esse negócio de palavrão, diz menos, porque ele pensa que aquilo ali tá chamando, tem gente que gosta, mas a maioria não gosta, né! (Sergio Almeida, Imperial. ALMEIDA, 2021).

A segunda categoria de análise trouxe o erro como elemento investigativo. Sublinha-se que ao tratar sobre a temática, os entrevistados mostraram uma leve alteração na voz e aumento de atos

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pernambuco, tulane.souza@ufpe.br

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pernambuco, jevison\_maestro@hotmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal de Pernambuco, marcos.adsilva@ufpe.br

gestuais, sugerindo um despertar de sentimentos que evocavam a preocupação e a indignação com determinados atos falhos no momento do desfile.

Um exemplo: Eu entro na avenida tocando na escola de samba no meio dos ritmistas da bateria, mas ali tem a hora do break! Tem o horário da paradinha, tem o horário de uma virada e você olha pra torcida e ver a torcida gritando e se empolgando, vê alguém conhecido gritando por seu nome, você vai olhar pra pessoa e acaba passando do limite, passa do ritmo, entendeu? Faz errado e prejudica o trabalho do ano todo! (SILVA, 2021).

Porque eles têm que entender que não podem errar e tudo tá sendo observado! (ANDRADE, 2021).

Partindo do princípio que em toda brincadeira tem regras, avaliamos que o controle das emoções para o cumprimento dos regulamentos carnavalescos gera uma tensão própria das competições, sejam elas lúdicas, esportivas e afins. Acreditamos que o significado de brincante de carnaval tem uma conotação que nos leva a crer que as atividades carnavalescas não têm a necessidade de serem levadas a sério. No entanto, para os brincantes competidores, há uma carga de responsabilidade sobre o termo, e por consequência, sobre as ações que o termo implica.

Sobre a categoria descumprimento de regras estabelecidas para o desfile, de maneira bem humorada os entrevistados sinalizaram a importância da evolução do desfile, uma vez que é considerada a progressão da apresentação, pois de maneira sincrônica reúne todos os elementos constitutivos da exibição (música, dança, diretoria, etc.).

O grupo tem que evoluir bem, né! (ANDRADE, 2021)

Evolução tem que ter, conta o quesito evolução, é o seguinte: o senhor está se apresentando bem e o outro tá parado, aquele ali eu já tirei ponto, a comissão tá lá olhando isso, entendeu? O quesito evolução. (ALMEIDA, 2021)

Os jurados tão olhando tudo, ai, eu aviso aos meninos que tem que se comportar, num tá olhando pros lados distraídos, porque a evolução conta. (ANDRADE, 2021).

O recorte que segue mostra a necessidade da sobriedade no momento da apresentação de maneira oposta ao contexto histórico levantado por Burke (2010) em relação ao carnaval, o que se observa é que nas manifestações populares especificamente para a apresentação competitiva, os brincantes necessariamente se submetem ao cumprimento de regras estabelecidas pela comissão julgadora, em detrimento às suas vontades de foliões, isto, se quiserem ao fim do período carnavalesco serem reconhecidos como campeões nas categorias que representaram.

Tem uns meninos que fumam maconha, mas eu digo, agora não! Eu já tomei e joguei fora até bebida de integrante, porque não pode tá bebo não! Eu digo, eu lhe dou depois, mas agora não pode! (ANDRADE, 2021).

Nota-se que para agremiações carnavalescas em suas variadas formas de expressão cultural, carnaval não é brincadeira. Tampouco suas manifestações sugerem um descontrole aos participantes. Obviamente, que para o grupo que assiste aos desfiles tais regras não se aplicam, porém, existe intrinsecamente uma série de regras comportamentais aos foliões das plateias, o que não é por hora objeto de nossa pesquisa.

Tratamos aqui do processo civilizador através da cultura popular, mais propriamente aquelas envoltas pela data carnavalesca. Todavia, apesar de as agremiações estarem em evidência no carnaval é válido elucidar que durante todo o ano há uma preparação até o grande momento das apresentações.

Neste período pré e pós-carnavalesco as coerções e auto-coerções são menos evidentes, mas, existem de igual modo. Os ensaios, as confecções das roupas, o convívio nos barracões, as reuniões de tomadas de decisão sobre as temáticas que serão seguidas, a escolha das músicas, dos sujeitos de destaque, dos componentes das diretorias, são de certa forma decisões a serem tomadas no decorrer do ano, fazendo com que os personagens envolvidos vivam o momento carnavalesco como o ápice de todo um empenho.

No caso que aqui tratamos, como vimos de forma categórica na fala dos entrevistados, o controle das emoções tem um objetivo muito claro: vencer a competição gerada em torno do carnaval na

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pernambuco, tulane.souza@ufpe.br

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pernambuco, jevison\_maestro@hotmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal de Pernambuco, marcos.adsilva@ufpe.br

cidade do Recife. No caso da corte francesa, como colocamos acima, o objetivo era a manutenção do poder ou mesmo a ascensão na escala social, estar mais próximo do rei e dos privilégios auferidos por essa proximidade. (Elias, 2001)

Os nobres franceses traziam consigo uma nostalgia em relação as configurações ligadas a terra, onde era necessário uma contenção menos de seus impulsos já que sua dependência em relação ao rei e mesmo em relação aos outros nobres eram bem menores. (Elias, 2001) Do mesmo modo, podemos supor que os brincantes tenham alguma sensação de nostalgia em relação a um passada no qual não havia competição e não era necessário o controle das emoções durante o desfile/apresentação das agremiações carnavalescas.

Desta última colocação resultam duas questões correlatas e que aproxima nosso objeto de uma mudança social de maior envergadura: o que leva então os brincantes a um maior controle das emoções se parece evidente que esta contenção dos afetos parece pouco interessante na perspectiva do brincante? Ou, se quisermos recorrer ainda a comparação com a corte francesa, o que leva os nobres a uma maior dependência em relação ao rei, fazendo com que seja necessário estabelecer-se na corte, abandonando duas vidas mais simples e nos quais as relações de poder lhes pareciam mais favoráveis?

Evidentemente há ganhos e perdas de parte a parte quando acontecem as mudanças sociais. Quando a família real francesa aumenta seu controle sobre o território nacional, passa a profissionalizar o exercito e consequentemente concentra progressivamente o uso legítimo da força na mão do rei, os nobres perdem espaço e para manter seus privilégios precisam se aproximar da família real. O controle das emoções por meio particularmente das autocoerções torna-se uma característica da vida na corte. O objetivo, como já dito é a manutenção da posição favorável na configuração social de corte. (ELIAS, 2001)

No caso do nosso objeto de análise, o que buscamos ressaltar é que as pessoas que vivem a cultura popular o fazem por questões econômicas, afetivas e mesmo por manutenção de um certo status social, e de certa forma se adequam a um estilo de vida que este meio exige. O que traz a tona o objeto deste estudo: o processo civilizador através da cultura popular sob a ótica eliasiana.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

É lúcida nossa compreensão de que o Carnaval brasileiro, sobretudo sua expressão em um bairro da Zona Norte do Recife, impele marcas sobre os sujeitos brincantes e profissionais carnavalescos. Essas marcas conduzem os participantes a aderirem determinados costumes não só durante o período da festa, como durante todo o ano pré e pós-carnaval.

São costumes gerados por coerções e autocoerções, e têm características socioeconômicas, políticas e culturais de cunho histórico. A própria formação do bairro da Bomba do Hemetério carrega atributos advindos dessa formação político social e desta forma condiciona em certa medida o processo civilizador desta figuração.

Nosso objetivo foi justamente compreender como se dá esse processo e quais consequências são geradas nas relações de interdependência através dessa peculiaridade figuracional, os efeitos do carnaval na figuração, as implicações do carnaval levado a sério, enfim, como se manifestam os costumes em decorrência da vida envolta com manifestações culturais populares.

Quando olhamos de perto a fala dos brincantes por meio das entrevistas realizadas é possível inferir que há uma busca por manutenção de poder. Há ganhos financeiros aos vencedores das competições carnavalescas na cidade evidentemente, mas somente o recurso financeiro não explica a questão. As regras e a avaliação das categorias de análise nos vários quesitos para verificar qual foi a agremiação vencedora do carnaval são discutidas e pactuadas pelos brincantes. E neste mesmo sentido, podem evidentemente ser mudadas quando for de desejo da maioria dos que formam as ligas carnavalescas. O que nos leva a crer que há, a um só tempo uma coerção externa operando – particularmente quando está acontecendo o desfile – mas também uma coerção interna – notadamente quando as regras são estabelecidas.

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pernambuco, tulane.souza@ufpe.br

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pernambuco, jevison\_maestro@hotmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal de Pernambuco, marcos.adsilva@ufpe.br

## FONTES

ALMEIDA, Sergio. Mestre do Reisado Imperial, 2021.

ANDRADE, Cristina de. Mestra do Urso Cangaçá, 2021

SILVA, Amaro da. Mestre da Escola de Samba Gigante do Samba, 2021.

## REFERÊNCIAS

ELIAS, N. DUNNING. E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel Editorial, 1992.

ELIAS, N. **A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia da corte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na idade moderna: Europa, 1500-1800**. Companhia das Letras, 2010.

ELIAS, Nobert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. v. 1.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da Metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

SANTA CRUZ, Jevison Cesário. **A Influência do Reisado Imperial na Propagação da Educação na Bomba de seu Hemetério**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.

**PALAVRAS-CHAVE:** Brincantes, Carnaval, Lazer, Processo Civilizador

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pernambuco, tulane.souza@ufpe.br

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pernambuco, jevison\_maestro@hotmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal de Pernambuco, marcos.adsilva@ufpe.br